



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ELYCLÊNIO FAUSTINO DA SILVA

**A CIDADE INVISÍVEL TECIDA ATRAVÉS DA MEMÓRIA: UMA
RELEITURA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE POR “MANOEL
BATATA”**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

ELYCLÊNIO FAUSTINO DA SILVA

**A CIDADE INVISÍVEL TECIDA ATRAVÉS DA MEMÓRIA: UMA
RELEITURA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE POR “MANOEL
BATATA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lindaci
Gomes de Souza

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586cElyclênio Faustino da Silva

A cidade invisível tecida através da memória [manuscrito] : uma releitura da cidade de Campina Grande por / Elyclênio Faustino da Silva. - 2014.

26 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Maria Lindaci Gomes de Souza, Departamento de História".

1. História local. 2. Memória. 3. Campina Grande I. Título.

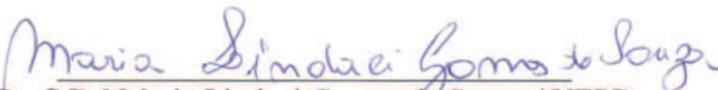
21. ed. CDD 904

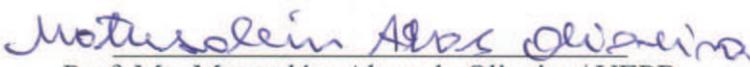
ELYCLÊNIO FAUSTINO DA SILVA

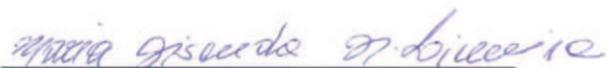
**A CIDADE INVISÍVEL TECIDA ATRAVÉS DA MEMÓRIA: UMA RELEITURA
DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE POR “MANOEL BATATA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de licenciado em História.

Aprovado em: 28/02/2014


Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB
Orientadora


Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira / UEPB
Examinador


Profª Me. Maria Giseuda Nascimento Limeira / UEPB
Examinadora

A CIDADE INVISÍVEL TECIDA ATRAVÉS DA MEMÓRIA: UMA RELEITURA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE POR “MANOEL BATATA”

SILVA. Elyclênio Faustino¹

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se fazer uma releitura da cidade de Campina Grande (PB) através dos relatos orais de Manoel Vidal de Souza, conhecido popularmente por seu “Manoel Batata”, bem como contribuir para dar visibilidade à história local e cotidiana tomando a História Oral como fonte histórica. Destaca-se a importância desse personagem, em relação a fatos históricos e culturais, dos quais o registro oficial não valorizou, como também trazer a baila através da memória subterrânea momentos significativos da história de Campina Grande na década de 1930, que apenas estão registrados na memória do entrevistado. A linha de pesquisa, consubstancia-se em um estudo voltado para as relações entre narração, história, memória e história oral temática, mantendo um diálogo entre dois teóricos importantes da atualidade: Maurice Halbwachs e Paul Ricouer. Outro aspecto relevante a ser destacado neste artigo é a história temática a partir da fala do colaborador, que adquire relevo quando o historiador não mais se fundamenta na objetividade dos fatos, mas se atem as subjetividades ao ouvir a narrativa de um protagonista da história da cidade de Campina Grande-PB.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Memória; Oralidade; Campina Grande-PB.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: elyklenio@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea atual esta cada vez mais dinâmica com o desenvolvimento da tecnologia e a difusão da informação pelo radio, televisão e internet, esta cada vez mais chegando aos nossos ambientes. Nesta perspectiva, a história oral como veremos a seguir, ganha cada vez mais visibilidade e espaço ao se destacar neste processo de veiculação da informação cada vez mais acelerada.

Neste trabalho propomos discutir as especificidades da história oral como fonte histórica fazendo uma releitura da cidade de Campina Grande através da memória de senhor Manoel Batata, contribuindo para dar perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos alternativos, não apenas os escritos. Desse modo, a história oral, centra-se na memória humana, ou seja, na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunho do vivido. Segundo Thompson (1992, p. 17), “a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas”.

Utilizando o método da história oral como fonte para esta pesquisa, buscamos reconstituir a história de Campina Grande após a década de 1930, através das memórias e das experiências vividas por Manoel Vidal de Souza, popularmente conhecido por seu “Manoel Batata”, autor de diversos livros sobre esta cidade e um dos testemunhos do passado campinense. No entanto, vários questionamentos foram levantados sobre as possibilidades de trabalhar este método que a princípio estavam alijadas dos cânones acadêmicos, uma vez que apenas as fontes documentais constituíam-se em arquivos que inquietavam os historiadores.

A metodologia em análise, prima para registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais. Muitas vezes o fato de detectar estas memórias, que podem ser denominadas de subterrâneas (RICOUER, 2007) significa delinear aspectos relevantes que de outra forma ficam a margem da história oficial ou das evidências objetivas dos historiadores. Através deste esforço e rigor de pesquisa pretende-se construir uma metodologia que permita recuperar ou trazer a luz imagens do passado e do presente, que permitirão uma abordagem abrangente e dinâmica.

No bojo dessas inovações, os depoimentos e os relatos pessoais são revalorizados e muitos dos seus defeitos relativizados, quando aliados ao crescimento da história do tempo presente. Neste sentido, há uma renovação teórica metodológica na perspectiva historiográfica quando entra em cena, outra questão que há algum tempo estava

marginalizada no campo da história, qual seja, a apropriação e discussão através da memória social e coletiva.

Na verdade, com o advento dos novos estudos culturais e a atenção voltada para as “subjetividades outras”, das quais as preocupações com as representações ganharam destaque, não tardaria o ressurgimento da questão da memória. Halbwachs (2006) e Ricouer (2007) foram os teóricos escolhidos para dar fundamentação ao texto, pois, estes discutem alguns aspectos referentes à problemática da memória. Em consonância com a valorização das representações desse passado rememorado, a memória passou a fazer parte das discussões epistemológicas que foram intensas nas últimas décadas.

Outro aspecto considerado relevante para o historiador é estabelecer um diálogo com a história oral, uma vez que através da narrativa de seu Manoel Batata, estaremos fazendo uma releitura de lugares, temporalidades, paisagens urbanas, representados e identificados na narrativa do mesmo, além de contribuir para dar visibilidade a história local tomando a oralidade como fonte histórica.

1- HISTORIOGRAFIA, VOZES OCULTAS: UM NOVO OLHAR DO PESQUISADOR PARA A NARRATIVA

[...] “A historia oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem as margens do poder, e cujas vozes estão ocultas por que suas vidas são menos prováveis de serem documentadas nos arquivos”.

Paul Thompson²

Escolhemos iniciar a discussão teórica, a partir das reflexões posta na epigrafe de Paul Thompson (1992) uma vez que a mesma sustenta a principal questão delineada neste texto, ou seja, dar visibilidade através das vivências e experiências a um personagem que tem uma importância significativa no cotidiano na cidade de Campina Grande, tendo em vista que a sua voz foi ocultada dos registros oficiais.

A discussão acerca dos problemas metodológicos da história oral tem despertado, de modo geral, pouco interesse entre os historiadores. Isto se explica, pela resistência desses especialistas em incorporar ao seu universo de pesquisa a possibilidade do uso de fontes orais. Este desinteresse e desconfiança resultam de formas arraigadas de se conceber a história e a validade de suas fontes.

² Thompson nos faz lembrar que a historia oral valorizou as experiências vividas e a subjetividade de grupos sociais que anteriormente foram silenciados pela historiografia ocidental.

Ao analisar *A Historia Oral*, Prins (1992, p.163) observa que os historiadores das sociedades modernas, industriais e maciçamente alfabetizadas - ou seja, a maior parte dos historiadores profissionais - em geral são bastante céticos quanto ao valor das fontes orais na reconstrução do passado.³ A história Antiga e Medieval recebiam maior atenção e reflexões mais aprofundadas, enquanto a história contemporânea (história sem objeto e sem estatuto científico) era desprezada do ponto de vista cronológico e sem definições teóricas. Acreditava-se num passado fixo e determinado excluindo o período mais recente.

Com o auge do positivismo no século XIX, emerge a ideia de que o conhecimento científico constituindo-se como a única forma de conhecimento verdadeiro. Assim sendo, desconsideram-se todas as outras formas de conhecimento humano que não possam ser comprovadas cientificamente. Em contrapartida, o método da história oral e o uso das fontes orais para aquele momento específico, tornava-se uma impossibilidade sendo vista de forma negativa. No entanto, a objetividade das fontes escritas com que o historiador trabalha foi definitivamente posta em questão.

Durante o século XIX, quando se consolidou a disciplina da história e a figura do historiador foram impostos o domínio absoluto dos documentos escritos como fonte, em detrimento da história da tradição oral, expulsando a memória em favor do fato. Este modelo dominante tinha como centro a história política e voltava-se para os acidentes e as circunstâncias de conjuntura, negligenciando as articulações dos eventos com suas causas mais profundas. Impuseram uma história narrativa, restrita a uma descrição linear e sem relevo, que concentrava suas atenções aos grandes personagens, silenciando as “vozes” anônimas da história.

Para Albuquerque⁴ (2007, p. 229) “existe uma relação de complementaridade e distanciamento que há entre texto, escritura e fala, voz, oralidade”. Albuquerque (2007) afirma que houve um processo de silenciamento no Ocidente moderno de onde emergiram o trabalho das instituições e aparelhos escriturísticos, que isolaram o “povo” e silenciaram suas “vozes”.

³ A disciplina histórica já foi mais restritiva em relação à valorização dos documentos produzidos intencionalmente por meio de entrevistas e/ou depoimentos. Esse cenário aparentemente consensual entre os profissionais- se devia, principalmente, a uma mística do documento escrito. Ao crer que guardavam, de forma imparcial e imóvel, vestígios do passado tal qual este se deu, os documentos escritos receberam uma aura de sacralidade, de inteligibilidade, pelos paradigmas cientificistas: através deles, o passado seria reconstruído em sua totalidade.

⁴ O historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr faz algumas reflexões acerca das possibilidades de se fazer a história oral. Porém, nos alerta para o perigo de que a palavra dita carregue sempre o peso maior de fidedignidade, pois esquecemos que o sujeito fala também não e uno, ele próprio e o encontro de outras falas, outras memórias, e a história por ser violação, mesmo quando trabalha com a oralidade, caba sempre por torná-la escrita.

Com a fundação da revista dos *Annales*, na França, em 1929, e da *Ecole Pratique des Hautes Etudes*, em 1948, este modelo entrou em processo de decadência e deu impulso para novos processos de transformação no campo da história. A nova geração de historiadores passou a questionar os eventos da história política e seus inúmeros entraves que em contrapartida, defendiam uma nova concepção da história privilegiando o econômico e o social como categorias históricas sendo objetos de atenção e de análise pelos historiadores da *Ecole des Annales*. Interessavam-lhes os estudos das estruturas, dos comportamentos coletivos sobre o curso da história em detrimento da importância dada às individualidades.

O grupo dos *Annales* reformulava conceitos e metodologias na história dando liberdade ao uso de fonte oral com maior inserção na pesquisa. Nos anos de 1950, a História oral passa a ser utilizada com a invenção e difusão do gravador a fita na Europa, América do Norte e América Central por historiadores, antropólogos, sociólogos e outros profissionais que adquirem os relatos orais como fontes para a compreensão do passado, ao lado de outros documentos, como fotografias e documentos escritos.

De início, a história oral privilegiou o estudo das elites estadunidenses. A primeira coleta de depoimentos pessoais mediante a utilização de um gravador ocorreu em 1940, para recuperar informações de grupos dominantes nos EUA. A partir dos anos de 1960, a história oral passa a ser entendida como uma metodologia, uma técnica e uma disciplina. (FERREIRA & AMADO, 1996).

Nas últimas décadas, a história oral, como investigação do passado recente e do tempo presente, suscitou amplos debates na historiografia contemporânea. Isso implicou a valorização da experiência vivida e da subjetividade, que possibilitou a recuperação das experiências de grupos e setores sociais reprimidos e sem registros históricos.⁵ (ARAÚJO; FERNANDES, 2006, p.13).

A história oral se mostra inovadora ao dar atenção especial a pessoas que são consideradas excluídas da história como, por exemplo, os idosos, as mulheres, a vida cotidiana e privada e a história local. Entretanto, a credibilidade das fontes orais é regularmente questionada.⁶ Isto decorre do fato de que durante o relato pessoal de vida, bem como suas experiências vividas, o entrevistado pode ter falha de memória ou criar uma

⁵ Tal fato representou uma nova perspectiva interdisciplinar no campo da História e a valorização do papel e da ação dos sujeitos na história, elementos até então ausentes nas metodologias da disciplina, mesmo na historiografia marxista.

⁶ A oralidade transmite os conhecimentos da trajetória da memória humana. Mesmo antes do surgimento da escrita, era comum as pessoas transmitirem seus conhecimentos para as gerações futuras, porque a memória auditiva e visual eram seus recursos para o armazenamento e transmissão da sabedoria. A seguir abordarei a problemática do conceito de memória e sua relação com o tempo presente e a história oral.

trajetória artificial, se autocelebrar, fantasiar, omitir ou até mesmo mentir. Daí nasce à desconfiança de alguns acadêmicos em relação ao uso das fontes orais enquanto documento pessoal.

Para Meihy (2007, p.13) as fontes orais vão muito mais além do que a história oral:

Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo o que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, e história oral em sentido estrito.

Ao analisar *Para pensar e fazer história oral*, Meihy (2007) propõe duas grandes reflexões para quem pretende refletir sobre o trabalho com oralidade. A primeira relacionada ao *como fazer*, numa preocupação atenta “a responder e mostrar os passos da elaboração de projetos em história oral” e a segunda ao *como pensar*, um roteiro teórico que discute a origem, a “pertinência da transformação do conceito de documento” e o desafio de quem se vale deste campo de saber como alternativa para ponderar o mundo presente.

Com o desenvolvimento da tecnologia, a história oral promoveu novos debates acerca das relações entre entrevistados e entrevistadores. Com o auxílio dos gravadores, os relatos orais passaram a serem registrados e arquivados. Isto possibilitaria que gerações futuras tivessem conhecimento do seu passado e de sua história. Neste sentido, o registro dos relatos orais e das memórias coletivas de grupos, pessoas, comunidades, ganham extrema importância mediante a interação com o uso das tecnologias modernas. As críticas dos historiadores tradicionais a história oral promoveram uma reflexão profunda de seus procedimentos de pesquisa.⁷ Não há como realizar a entrevista de história oral sem seguir um método.

Para Meihy (2002, p.9), as verdades que amparam a história oral são as retidas na memória das pessoas, forjadas em imaginários construídos; são as que circulam no cotidiano ou passam formal ou informalmente de uma geração para outra, poucas vezes podendo ser equiparadas aos documentos de arquivos. São essas memórias de um passado distante que o Senhor Manoel Vidal de Souza (mais conhecido por “Manoel Batata”) rememora: “sentado em minha cadeira de balanço, no alpendre de minha casa, contemplando o dia-a-dia das

⁷ Os trabalhos com depoimentos orais como instrumento da história oral possibilitam preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas e na recuperação da história dos excluídos.

pessoas, vi o quanto que nossa cidade de Campina Grande mudou e evoluiu⁸”. “Seu Manoel Batata” é testemunha viva do passado. Suas memórias tecem a história de Campina Grande que a partir dos anos de 1930, passou a se modernizar. “Suas lembranças passaram a ser imortalizadas, pois o tempo que não retrocede, não se adianta, continua estático na lembrança imortal de quem a vivenciou” (SOUZA, 2011, p. 03).

“Seu Manoel Batata” constrói o seu próprio filme do passado, relata as suas experiências vividas, narra suas histórias e de outros personagens comuns que fizeram parte da história de Campina Grande a partir da década de 1930. Não existe um filme sem cortes, edições, mudanças de cenário. Como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. (ALBERTI, 2004, p.15).

Desta forma, a história oral é contemplada pelo estudo de memórias, isto é, de representações do passado, da construção da identidade, da valorização do indivíduo e da hermenêutica de si e dos outros. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada através de entrevistas de história oral. (*idem*, 2004, p.27).

2- A CIDADE INVISÍVEL: A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE A PARTIR DA DÉCADA DE 1930

Então me despertou a ideia para tornar esses acontecimentos lembrados aos nossos filhos e netos, de geração em geração, como também, a todos que despertarem o interesse por esta história. Não contada por um literato, nem por um sociólogo, tampouco político, mas por um homem, simples cidadão, como todos os reais construtores da nossa cidade. (SOUZA, 2011, p.3)

A citação acima é de autoria do “Senhor Manoel Batata” em apresentação a uma de suas obras “*História de Campina Grande na década dos anos 30*” publicada em 2011 e objeto desta análise. Autodidata desde a infância, suas memórias são escritas por uma de suas netas. “Com orgulho e alegria, ele se sente satisfeito com minha visita”. Atento, não vê a hora de começar a falar. Com um belo sorriso o mesmo faz o seguinte questionamento: o que você quer saber sobre a história de Campina Grande? Ele se senta em sua cadeira de

⁸ SOUZA. Manoel Vidal de. História de Campina Grande na década dos anos 30. 5ª ed. 2011. p.3.

balanço e começa a lembrar daquela cidade que viu crescer e se transformar. A história de Campina Grande parece fasciná-lo e ao mesmo tempo assustá-lo. “Seu Manoel Batata”, assim como é conhecido em todo o Brasil, tem a preocupação de registrar suas memórias para anunciá-las as gerações seguintes. Memórias estas, de uma Campina que durante os anos 30 não era Grande como hoje. “Seu Manoel Batata” é testemunho de um passado que permanece vivo em suas lembranças.

Campina Grande, a partir dos anos de 1930, passa a ser projetada para a modernidade. Ao elaborar esta pesquisa no campo da história oral sobre a história desta cidade e as memórias vividas pelo “Senhor Manoel Batata”, partimos da ideia de que possuímos uma identidade construída historicamente e partilhada por uma coletividade. Com bastante entusiasmo e disposto a relatar sobre alguns acontecimentos que marcaram a história desta cidade, este personagem popular e de vida simples, sem instrução escolar, mas com uma leitura de si e do mundo, nos faz um convite para viajarmos num passado presente.

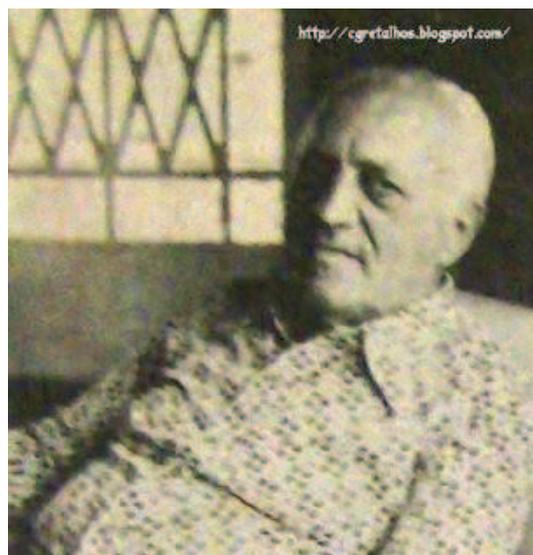
As reformas urbanas ocorridas no século XX, sobretudo entre os anos de 1930 e 1940, em Campina Grande, foram frutos dos ideais de Vergniaud Wanderley, prefeito da cidade e responsável pela inovação do panorama urbanístico da mesma⁹ (QUEIROZ, 2009). Para dar vida a seu projeto, Vergniaud Wanderley¹⁰, que tinha o sonho de tornar “Campina a capital do Estado da Paraíba”, não mediu esforços e incorporou a fisionomia da cidade um novo estilo arquitetônico chamado de *Art Déco*. Este estilo de origem europeia chegou ao Brasil no início do século passado, e que havia sido incorporado à arquitetura das principais cidades brasileiras - como Belo Horizonte e Rio de Janeiro - passariam a compor também o cenário de uma pequena cidade do interior nordestino famosa pelo comércio do algodão em pleno auge. Esse desenvolvimento econômico impulsionou o desejo de uma expansão urbana adequada ao potencial socioeconômico que a cidade então possuía.

⁹ Em 1935, o então candidato a prefeito Vergniaud Wanderley assim definiu as construções de Campina Grande: acanhadas, casebres inestéticos, sem o menor gosto arquitetônico.

¹⁰ Vergniaud Borborema Wanderley, nascido em 1905 em Campina Grande, foi prefeito da cidade por duas gestões, a primeira de 1936 a 1937 e a segunda de 1940 a 1945.



(Foto 1- Fonte: Diário da Borborema – 08 de Julho de 1979)



(Foto 2- Fonte: retalhos históricos – 08 de Julho. Vergniaud Wanderley – 1979)

O surgimento da Art Déco em Campina Grande também se deu em um momento de maior difusão de uma série de inovações que em outros lugares do país vieram associadas ao ecletismo, desde finais dos oitocentos. A ruptura da implantação colonial (fruto das exigências higienistas), os arranjos mais complexos de plantas e telhados, a incorporação de maiores avanços técnico-constructivos advindos da revolução industrial e a introdução de toda uma tecnologia doméstica a partir da instalação das redes mecanizadas de abastecimento de água e coleta dos esgotos reforçaram o caráter de modernidade dessa arquitetura em âmbito local (QUEIROZ, 2009).

As transformações urbanísticas na cidade causaram espanto para “Seu Manoel Batata” que não vê mais a Campina de outrora. Atento ao diálogo rememora:

Dentro da década de 30, pra você ver a primeira feira de Campina Grande, a primeira feira de Campina Grande foi na Maciel Pinheiro, pegando todo o lado ali onde tem o ponto Sete que hoje ta a está de João Rique, também descendo ali todo espaço que hoje ta o hotel (...) e o banco Itaú descendo aquele lado todinho era a feira¹¹.

Para “seu Manoel Batata”, a primeira feira de Campina Grande surgiu na área central desta cidade e com as reformas urbanísticas promovidas pelo prefeito da época.

¹¹ Trecho da entrevista realizada com seu “Manoel Batata” como é mais conhecido popularmente no bairro do Catolé, residente na cidade de Campina Grande, em 14 de fevereiro de 2014. Atualmente, o mesmo se encontra com 82 anos de idade.

A percepção, nas primeiras décadas do século, do crescimento e incremento das atividades comerciais associadas diretamente a uma imagem de cidade plástica e higiênica, sem riscos de epidemias, esteve na origem de muitos episódios que desembocaram em mudanças nos espaços e territórios de Campina Grande nas décadas de 1930 e 1940¹² (SOUSA, 2005). O comércio da cidade era representado pelas bodegas, pelo mercado informal, as quitandas, entre outras formas tradicionais de comércio popular. Nestes espaços, formaram-se lugares de sociabilidades.



(Foto 3- Feira central de Campina Grande, na Rua Maciel Pinheiro, no início da década de 1930).

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/rua-maciel-pinheiro-dia-de-feira-final.html>

Esta Campina Grande dos anos 30 que se modernizava e crescia socioeconomicamente permanece viva em suas memórias e, com cordialidade o “Senhor Manoel Batata” convida-nos a adentrar neste passado de uma cidade que em seu auge recebia migrantes de todos os lugares do Brasil. “Seu Manoel Batata” recorda-se:

Ai naquela época quem vendia era os próprio matuto que trazia as cargas do sítio e de todo sítio vinha carga. Nessa época vinha gente de todo lugar que esse canto que eu to falando ali no que era o ponto sete, aquilo vinha gente do Pernambuco, vinha do sertão, vinha de do Fortaleza, toda parte vinha se encontrar ali faz do movimento de feira que era por baixo, era um restaurante as portas abertas sem ter nada de

¹² Para saber mais os fatores que ocasionaram a mudança da feira central de Campina Grande durante os anos de 1930 e 1940, ver o artigo de SOUSA, Fabio Gutenberg R. B. “Territórios Promíscuos”: a feira de Campina Grande (1920-1945). UFCG. 2005.

coisa e vinha se encontrar acolá o povo do agreste, do sertão, de Pernambuco de todo o lugar se encontrava ali para um bate papo¹³.

Campina Grande fascinava por quem nela passava e fazia desta cidade a sua casa. Casa hospitaleira, cordial, generosa, agraciada Rainha da Borborema. Antes, Campina Grande era apenas um ponto de passagem: “[...] nessa época não tem porta ali, fizeram era aonde se encontrava esse povo de matuto, de retirante, de histórias, que ali era um ponto de passagem, ai chegava acolá a falar ali sobre qualquer ponto de negócio¹⁴”. A feira e o mercado central desta cidade ganha importância fundamental no relato de suas memórias que jamais serão apagadas. Daí a relevância da narrativa em diálogo com a história oral e a memória na reconstituição histórica.

Ao se projetar urbanisticamente e economicamente, a cidade de Campina Grande cresce demograficamente a partir da década de 1930. “Seu Manoel Batata” tem consciência do inchaço populacional que ocorreu na cidade durante este período modernizante e rememora:

Que a geração naquela época quando eu tinha 7 ou 8 anos, eu via a população de 20 ano acima, toda a população do Brasil tava de 20 anos acima, num existe nenhuma que já acabou essa geração. Campina Grande nessa época a população era 20% e hoje a população tem cresceu 90%¹⁵.

As transformações que aconteceram nesta cidade, naquele período mencionado trouxeram espanto para o “Senhor Manoel Batata”, pois, com o passar dos anos Campina Grande passou a crescer ininterruptamente e se tornou uma das principais cidades do interior do Nordeste tornando-se uma referência na produção de algodão para todo o mundo.

Nesta cidade “invisível”, tecidas pelas experiências vividas pelo “Senhor Manoel Batata” e tantos outros personagens anônimos, há possibilidades de reviver o passado, de reconstruí-lo, de ressignificá-lo, de compreendê-lo e torná-lo fecundo no presente. “Seu Manoel Batata” traz à tona o passado de suas lembranças para si e para os outros ressignificando-o. Sua identidade e construída em meio a esse turbilhão de

¹³ Entrevista com seu Manoel Batata, realizada em 14 de fevereiro de 2014.

¹⁴ Entrevista com seu Manoel Batata, realizada em 14 de fevereiro de 2014.

¹⁵ Entrevista realizada com seu Manoel Batata, em 14 de fevereiro de 2014.

memórias que lhes dão sentido para viver e prosseguir. Ao buscar a inter-relação entre memória, história oral e narrativa, temos a compreensão de que a narrativa ressignifica a história, por meio da memória, contada de forma oral ou escrita. Portanto, a narrativa está presente no simples ato do viver, agir e refletir, no contar histórias, tendo em vista que nós seres humanos somos contadores de história, e de forma individual e social relatamos nossa forma de viver, em nosso cotidiano.

Contando suas histórias, compartilhando memórias, registrando o que ainda não foi dito, silenciado ou até omitido, este cidadão comum, resolve dar sentido e vida aquilo que ele vivenciou para que suas histórias não se percam como cinzas ao vento. Mas, que permaneçam sempre fecundas em seu interior. Portanto, a subjetividade estará sempre presente na memória, bem como em toda produção científica, pois é indissociável do ser humano. Desenvolvida no campo da história oral, amplia as possibilidades e alternativas do pesquisador conhecer e “vivenciar” a realidade narrada ao interagir com o narrador.

A partir desta compreensão, entendemos que, a objetividade científica não está relacionada à neutralidade, pois esta não existe. Sua operacionalização determina-se a partir da compreensão do pesquisador, na medida em que a pesquisa requer um compromisso ético na tarefa da interpretação das narrativas e dos vestígios encontrados em busca de uma aproximação com o vivido.

Neste sentido, a valorização do passado das cidades constitui-se em uma característica comum às sociedades deste final de milênio. No Brasil, esta tendência é inédita e reflete uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais até agora predominantes. Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, um período que resultou num ataque constante e sistemático às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a "memória urbana".

3- RECONSTRUINDO A HISTÓRIA: MEMÓRIAS A PARTIR DA LEITURA DE MUNDO DO ESCRITOR “MANOEL BATATA”

Manoel Vidal de Souza (mais conhecido por seu “Manoel Batata”, que herdou este apelido do pai quando criança) nasceu em 31 de Janeiro de 1932, na cidade de Campina

Grande. Aos 82 anos de idade, já escreveu vários livros sobre a história de Campina Grande a partir de 1930. Autodidata, sem ter tido o contato com a educação formal, mas como destaca Paulo Freire a leitura de mundo precede a leitura da palavra, é com orgulho que exhibe seus livros para o mundo. O mais curioso é que Manoel Batata, não sabe ler nem escrever e utiliza a oralidade para registrar suas memórias e as experiências vividas no passado. O livro contou com a colaboração da neta do autor, Joselma Vidal de Sousa Araújo, que foi compondo o exemplar na medida em que ele ia relatando alguns fatos marcantes da Rainha da Borborema na década de 30. Saiu do anonimato e ganhou reconhecimento. Brilhou em diversas faculdades da cidade, pois, suas palestras envolviam a todos quando relatava suas histórias da infância. Em algumas escolas, suas histórias passaram a ser ouvidas nas aulas de história. A partir de então, o “Senhor Manoel Batata” conquistou a admiração e respeito de todos os paraibanos.

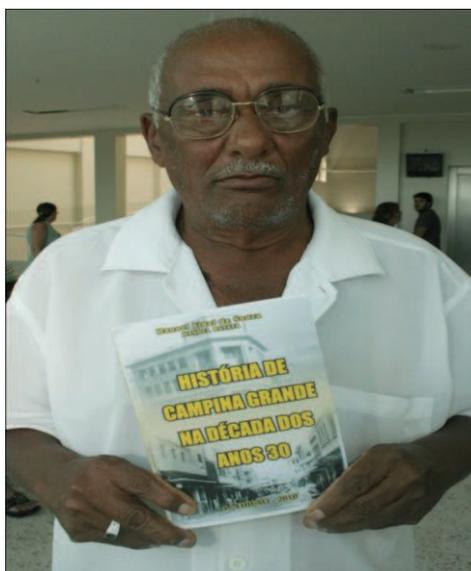


Foto 3- O “Senhor Manoel Batata” exhibe com orgulho mais um de seus livros.
Fonte: www.cesed.com.br-manoel-vidal-de-souza

A leitura de mundo sob a ótica do “Senhor Manoel Batata” pode ser compreendida através das suas narrativas memoriais sobre a origem de Campina Grande. Segundo o autodidata:

“Campina Grande começou em costa de animal, quem tinha três animais tinha um meio de vida, um deles era o de vender água nas portas, outro era vender lenha, carvão, cargas de vara para fazer quintais, outro para carregar

tijolos e telhas para construções de casas. Campina foi feita em costa de animais¹⁶ (SOUZA, 2011, p.19).

A origem da urbanização da Cidade de Campina Grande se encontra lastreada nas atividades comerciais desde o princípio da formação da cidade. Primeiro se constituiu um pouso para tropeiros, conseqüentemente se formou uma feira de gado, e posteriormente as atividades tropeiras através do crescimento da cultura do algodão impulsionará o crescimento urbano do município. As atividades comerciais apresentam-se assim como as atividades fundamentais para o crescimento demográfico e a urbanização do município.

O mercado e a feira central movimentavam o comércio da cidade e o fluxo de pessoas que transitavam por ali. Os agricultores se deslocavam dos sítios para fazer “negócio” na cidade. Os “matutos” transportavam os cereais em burros e mulas e partiam de cidade em cidade. Para seu “Manoel Batata”, a vida de antigamente não era tão fácil como pode parecer nos dias de hoje. A carne sempre foi muito importante na dieta do paraibano, mesmo que fosse apenas um mocotó ou pedaço de tripa salgada¹⁷.

A memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado. Para Halbwachs (2006), as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. Deste modo, as lembranças de seu Manoel Batata não são só suas, pois fazem parte de um grupo social. As lembranças da infância na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho mostram que essas recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006).

Para se recordar sobre alguns acontecimentos do passado e de sua vida, o “Senhor Manoel Batata” ratifica a afirmação acima:

Me lembro dessas lembranças toda na minha memória, sem precisar ta lendo, que eu não sei ler, não sei escrever, mas tive essa memória. Toda essa memória minha eu penso a noite e pego um menino pra escrever, quer dizer que deus me da aquela memória na parte da noite e o dia eu to pra escrever, que tudo que eu pensei na noite foi deus me deu memória¹⁸.

¹⁶ Entrevista realizada com seu Manoel Batata, em 15 de fevereiro de 2014.

¹⁷ SOUZA, Manoel Vidal de. Historia de Campina Grande nas décadas dos anos 30. 5ª ed. 2011, p.5.

¹⁸ Entrevista realizada com seu Manoel Batata, em 15 de fevereiro de 2014.

Nota-se que para lembrar-se, o narrador se ancora no sentimento religioso alegando que suas memórias são produzidas durante o sono. Esta questão considerada do ponto de vista do autor, problemático, pois, para Halbwachs (2006) a memória é pensada sociologicamente e concebe o problema da recordação e da localização das lembranças no tempo, partindo de um pressuposto inicial de que o indivíduo se recorda mais facilmente dos fatos que vivenciou em grupo e de que essa lembrança dura o tempo em que esse grupo também existir na prática ou na memória de seus integrantes.

Desta forma, é nos quadros sociais da memória, que Halbwachs (2006) já demonstra que não há como entender o problema da evocação e localização das memórias sem ter como referência os quadros sociais reais. Por outro lado, a memória é sempre construída em grupo, mas e também, sempre, um trabalho do sujeito.

Nas suas lembranças sobre a feira central, o “Senhor Manoel Batata” se recorda de alguns nomes de pessoas que eram vendedores em potenciais comerciais na cidade:

“Eufrásio Pontes, Né Brasileiro, Samuel Sobreira, Francisquinho Adelino, Alfredo Pereira, Zequinha Praieiro, Acácio Correia, Zé Isidoro, Bastinho Vidal e outros, eram todos encarregados no corte da carne durante a feira¹⁹.”

O processo da lembrança está inserido no reconhecimento do sujeito, como por exemplo, as lembranças da feira central de Campina Grande durante a década de 1930. “Seu Manoel Batata” é testemunho desse passado de mudanças que são reconstruídas no tempo presente. A lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e esta inserida num contexto social preciso. Os lugares recebem a marca de um grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. O passado histórico de Campina Grande permanece vivo nas suas recordações porque a cidade também aparece como espaço de memória, isto é, uma memória urbana. Os nomes citados acima também representam fontes, uma vez que se tornam testemunhos, tendo em vista que, as relações sociais desse grupo se articulam a sua história de vida.

Os estudos empreendidos por Halbwachs (2006) trazem, portanto, uma nova vertente para a noção de memória e apresenta então os quadros sociais que compõem a memória. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças

¹⁹ SOUZA, Manoel Vidal de. *Historias de Campina Grande na década dos anos 30*. 5ª ed. 2011, p.5.

permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos.” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

As recordações se ligam de forma decisiva com os sentimentos que dirigimos a objetos e acontecimentos e também que partilhamos com pessoas, ou seja, a memória opera em função dos apegos que estabelecemos. Para RICOUER (2007, p.40), “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.” Deste modo, é possível estabelecermos um diálogo entre as diferentes concepções dos conceitos de memória entre Halbwachs (2006) e Ricouer (2007).

Para Ricouer (2007), a memória em Halbwachs (2006) é superficial e o lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si. A memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. Quando seu “Manoel Batata” rememora as lembranças de sua infância ele as toma como um “patrimônio”, não no seu sentido real, mas atribui toda a sua memória ao conhecimento que adquiriu ao longo do tempo. Para o “Senhor Manoel Batata”:

“Esse saber que eu tenho pra mim e um patrimônio que eu levo, graças a Deus, não existe uma riqueza maior do que esse saber²⁰.”

A memória é bastante significativa para o narrador, e o fato de recordar é fruto das suas experiências vividas e compartilhadas por outros grupos sociais que talvez não existam mais. Sendo assim, as pessoas não conseguem viver isoladamente, pois, nossas lembranças permanecem coletivas, elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nos estivemos envolvidos, e com objetos que só nos vimos. (HALBWACHS, 2006, p.25). Ao visitar o centro da cidade de Campina Grande no presente, seu Manoel Batata se lembrou de alguns fatos que aconteceram no passado e que marcaram a paisagem da cidade. Nesta perspectiva, a memória é a presença desse passado que deixou

²⁰ Entrevista realizada com seu Manoel Batata, em 15 de fevereiro de 2014.

marcas profundas em seu “Manoel Batata”, haja vista que as lembranças rememoradas não contribuem para a tábua rasa, mas são selecionadas através de um filtro que ficou no passado na sua história de infância vivida na cidade de Campina Grande.

Por fim, entendemos então que a memória individual e a memória coletiva se alimentam e guardam informações importantes para os sujeitos, garantindo a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste trabalho focar a importância da história oral para o tempo presente e de suas possibilidades enquanto fonte histórica. Desta forma, os estudos de história oral possibilitam que indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da história oficial possam ser ouvidos - deixando registradas para análises futuras sua própria visão de mundo e aquela do grupo social ao qual pertencem.

O interesse pelo método da história oral partiu de minhas indagações e curiosidades do livro *História de Campina Grande na década dos anos 30*, tendo como autor Manoel Vidal de Souza (“Manoel Batata”) considerado autodidata e que se orgulha por não saber ler e nem escrever, utilizando a oralidade para registrar suas memórias do passado e ser lembrado pelas gerações futuras.

A história de Campina Grande dos anos de 1930, segundo a visão deste autor, nos revela fatos intrigantes e que não podem passar despercebidos pela historiografia paraibana. A reconstituição histórica do centro de Campina Grande naquela época, tomando como base o livro publicado acima em 2011 por “Seu Manoel Batata” necessita de outras reflexões em trabalhos futuros. A partir daquele momento, o município sofre uma grande alteração em sua paisagem urbana, onde a cidade passou a fazer parte do plano de urbanização das grandes cidades brasileiras. Nesse período já era presente nas grandes cidades do Brasil a preocupação com o planejamento urbano, manejo de água e esgotos, como também questões relativas ao desenvolvimento e embelezamento das cidades, especialmente nas localidades centrais.

As atividades comerciais apresentam-se assim como as atividades fundamentais para o crescimento demográfico e a urbanização do município, que outrora recebeu os títulos de Liverpool Brasileira, Capital do Trabalho e maior cidade de interior do Nordeste.

Não nos resta dúvida de que a narrativa, a memória e a história oral tornam possíveis e criam alternativas para a reconstituição da história. No entanto, é necessário por parte do

pesquisador o reconhecimento e um novo olhar em relação a conceitos estabelecidos por um olhar estático, na percepção de um objeto descontextualizado.

A narrativa oferece leituras plurais, como o uso da oralidade ao invés da escrita, e torna possível o aparecimento de outros pontos de vista, requer integração na construção do novo conhecimento, na reconstituição da história. A análise das histórias individuais permite a reconstrução das relações sociais, dos acontecimentos, requer conhecimento do contexto, investigação e cautela.

Portanto, a subjetividade estará sempre presente na memória, bem como em toda produção científica, pois é indissociável do ser humano. Desenvolvida no campo da história oral, amplia as possibilidades e alternativas do pesquisador conhecer e “vivenciar” a realidade narrada ao interagir com o narrador. A objetividade científica não está relacionada à neutralidade, pois esta não existe, mas na compreensão do pesquisador, que a pesquisa requer um compromisso ético na tarefa da interpretação das narrativas e dos vestígios encontrados em busca de uma aproximação da verdade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em historia oral – Verena Alberti. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15-27.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Ensaio de história da história- Durval Muniz de Albuquerque Junior- Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 229.

ARAUJO, M. P; FERNANDES, T.M. O dialogo da historia oral com a historiografia contemporânea. In: VISCARDI, C.M.R; DELGADO, L.A.N. (Orgs) Historia oral: Teoria, Educação e Sociedade. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes- AMADO, Janaina. Usos & abusos da historia oral, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. Historia oral: como fazer, como pensar – Jose Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. - São Paulo: Contexto, 2007. p.13.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. Manual de historia oral. 4ª ed. 2002, p.9.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

QUEIROZ. Marcos Vinicius Dantas de. Arquitetura, Cidade e Espaço domestico na Campina Grande(PB) nas primeiras décadas dos novecentos. Junho de 2009. Disponível em: www.cesed.com.br. Acesso em 15- 02-14.

RICOEUR, Paul. O olhar exterior: Maurice Halbwachs. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. p.40.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Territórios promíscuos: a feira de Campina Grande (1920-1945). Artigo publicado em 2005 pela UFCG. Acesso em 16-02-14.

SOUZA, Manoel Vidal de. História de Campina Grande nas décadas dos anos 30. 5ª edição. 2011.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Foto 1: www.retalhoshistoricoseg.com.br-diario-da-borborema

Acesso em: 14-02-14

Foto 2: www.retalhoshistoricoseg.com.br-diario-da-borborema

Acesso em: 14-02-14

Foto 3: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/rua-maciel-pinheiro-dia-de-feira-final.html>

Acesso em: 15-02-14

ANEXOS

Transcrição da entrevista realizada com seu Manoel Batata - Manoel Vidal de Souza.

Data: 14-02-14

Local: casa do entrevistado

Apresentação do entrevistador

Meu nome é Elyclenio Faustino da Silva, sou estudante do curso de história da UEPB, estou em fase de conclusão de curso nesse semestre.

Entrevistado:

Manoel Vidal de Souza, estou com 82 anos, nasci em 1932, 31 de janeiro de 1932. Eu completei já agora em janeiro 82 anos graças a deus e que história você quer conseguir?

Entrevistador:

Eu gostaria de perguntar ao senhor “Manoel Batata” como era a história de Campina Grande durante a década de 30?

Entrevistado:

Dentro da década de 30 pra você ver a primeira feira de campina grande, a primeira feira de Campina Grande foi na Maciel Pinheiro pegando todo o lado ali onde tem o ponto sete que hoje ta a estatua de João Rique também descendo ali todo espaço que hoje ta o hotel... e o banco Itaú descendo aquele lado todinho era a feira. Naquela época a feira não tinha contrabanda era quem trazia os troço, era quem trazia carga de cereais e fruta e tudo, era os mesmo quem vendia não existia contrabanda. Que hoje a pessoa trais alguma coisa de um sitio já tem o comprador pra revender. Ai naquela época quem vendia era os próprio matuto que trazia as cargas do sitio e de todo sitio vinha carga. Nessa época vinha gente de todo lugar que esse canto que eu to falando ali no que era o ponto certo, aquilo vinha gente do Pernambuco, vinha do sertão, vinha de do Fortaleza, toda parte vinha se encontrar ali faz do movimento de feira que era por baixo era um restaurante era as portas abertas sem ter nada de coisa e vinha se encontrar acolá o povo do agreste, do sertão, de Pernambuco de todo o lugar se encontrava ali para um bate papo. Agora aquilo ali era aberto de dia a noite não existia... foi um ponto que fizeram sem porta, não tem porta, nessa época não tem porta ali fizeram era aonde se encontrava esse povo de matuto, de retirante, de história, que ali era um ponto de passagem ai chegava acolá a falar ali sobre qualquer ponto de negócio.

Campina Grande nessa época a população era 20% e hoje a população tem cresceu 90%. Quer dizer que nos hoje tamos falando de uma parte de campina, campina cresceu muito, ontem era campina, hoje é campina grande. Mas naquela época era uma chegada de uns matuto de todo os lugar vinha pra li pra se comunicar. Ai que hoje a gente veve hoje na fase de a população cresceu muito na época viu. Cresceu muito. Hoje estamos na fase que a população cresceu 90% da população. Que a geração naquela época quando eu tinha 7 ou 8 anos, eu via a população de 20 ano acima, toda a população do Brasil tava de 20 anos acima, num existe nenhuma que já acabou essa geração nos tamo já em quinta geração eu tenho ate uma parte do livro pra pessoa ver, pra pessoa ver o quanto campina cresceu e a humanidade perdeu.

Entrevistador:

Seu “Manoel Batata” o senhor é natural de Campina Grande?

Entrevistado:

Nasci aqui no massapé, meu pai, meu pai chegou aqui em 1907, meu pai tinha 7 anos de idade, ele foi fugido do Pernambuco, porque o pai dele vivia se mudando de lugar em lugar que toda vida vou dizer que e trapaiado e o meu avo pai do meu pai era um home atrapaiado, ele chegava num canto a pessoa arrumava, ia no sitio uma coisa e outra, quando passava quinze dias, um mês, ele mudava, foi um home que se mudava 25 vez num ano. Quer dizer que nem passava com base de quinze dias (risos)... Havia a que vinha desde o principio da era que o povo foi, o tempo num mudou, o que mudou foi o povo. Agente ver mudar, meu pai na época que foi criado la na fazenda de João pequeno que ele era tinha 27 anos fugido de pe do Pernambuco para campina grande, ele fugiu de pés quando chegou na fazenda de João pequeno aqui na fazenda de massapé era um muleque de 7 a 8 ano, e era gordinho, ai o povo de onde você vem: vim de Pernambuco vocês quer morar comigo, ele disse aonde eu achava um lugar pra ficar eu fico, meu destino e esse . Botaram ate esse apelido de Batata na época, por que ele era grossinho tudinho, batata bota os bezerros pra ca, batata bota a vaca pra acolá, e assim ele foi se criando e entusiasmado, de animado dessa família. Meu pai foi criado no massapé vou contar a historia como e... um homem quando tinha 17 ou 18 anos inventou de vender leite aqui em campina grande... Várias pessoas vinham para Campina Grande vender leite... Ai vendia leite por garrafa dois toi uma garrafa... Lembro-me dessas lembranças toda na minha memória, sem precisar ta lendo, que eu não sei ler, não sei escrever, mas tive essa memória, toda essa memória minha eu penso a noite e pego um menino pra escrever, quer dizer que deus me da aquela memória na parte da noite e o dia eu to pra escrever, que tudo que eu pensei na noite deus me deu memória, que isso e uma coisa que eu tenho com orgulho hoje de ser uma pessoa sem saber ler e fazer um livro, que e muito interessante a pessoa, deus da a memória a pessoa pra a pessoa desenvolver.

Toda memória da pessoa vem de criança, eu quando tava com idade de 6 ou 7 anos eu tinha essa lembrança como hoje eu to falando tudo isso. E muito bom a gente ter essa lembrança e passar a lembrança para a nova geração que ta seguindo e você como veio atrais de mim eu tenho a parte aqui que fui representante da faculdade, representei e tem aqui 40 ou 50 estudantes que me deu a mensagem pra mim que eu

apresentei. Eu to bem satisfeito, que isso e um patrimônio que a pessoa tem, que eu to conhecido no Brasil, porque veio duas moças dos EUA que me viu na internet pegou essas passagens e veio bater aqui pra me conhecer e me ensinar a ler, passou 8 dias hospedada no Hotel Village ai veio todo dia duas vezes pela manha e pela tarde me ensinar ai e que me desenvolvi mais na vida graças a deus...

Entrevistador:

Como foi sua infância seu Manoel Batata?

Entrevistado:

Minha infância foi muito boa por que a gente tinha liberdade e num tinha medo de nada. Hoje a gente não pode ir mais numa festa que só vai com medo devido a comunidade crescer muito. Naquele tempo era pouco e as casas vizinhas era como daqui ate o polivalente. E só andava por dentro de mato e hoje e tudo perto um do outro.

Entrevistador:

Por que é importante o senhor lembrar desse passado?

Entrevistado:

Eu me lembro desse passado porque eu vivi esse passado. O passado foi uma coisa que eu vivi desde criança e eu tenho as lembranças como hoje desde quando eu tinha três ou quatro anos de idade me lembro como hoje porque eu sei que sou uma pessoa que pensa em deus a noite e tudo o que eu penso no meu pensar, no outro dia mando uma criança escrever aquela parte que eu pensei que deus me deu memória. Isso e uma memória que deus da a pessoa. Esse saber que eu tenho pra mim e um patrimônio que eu levo, graças a Deus, não existe uma riqueza maior do que esse saber.

Me lembro dessas lembranças toda na minha memória, sem precisar ta lendo, que eu não sei ler, não sei escrever, mas tive essa memória. Toda essa memória minha eu penso a noite e pego um menino pra escrever, quer dizer que deus me da aquela memória na parte da noite e o dia eu to pra escrever, que tudo que eu pensei na noite foi deus me deu memória.